

## ***SOCIEDADE ANONYMA FÁBRICA VOTORANTIM,* ESTÉTICA MODERNA NO VÍDEO INSTITUCIONAL**

Paulo Celso da Silva, Míriam Cristina Carlos Silva\*

*A sociedade anonyma fabrica Votorantim* (Brasil, 1922, 125 min.)

35mm, BP, 16q

Diretor: Antonio Pamplona

Produtora: Independência Filme

Categorias: Longa-metragem / Silencioso / Não ficção

No início do século XX coincidem dois movimentos inter-relacionados: de um lado a industrialização, trazendo a modernidade econômica e tecnológica e, em seu bojo, a urbanização como uma nova proposta de morar e viver e, de outro, a modernidade como movimento artístico a acompanhar toda a transformação advinda da industrialização. Ambas podem ser consideradas aqui como revoluções tardias, indústria e arte moderna, quando comparadas a outros lugares do Velho Mundo e, mesmo da América Latina.

A velocidade imposta pela indústria, através do maquinário que produzia sem descanso e da eletricidade, que alterava os turnos do dia, teve no cinema um dos seus ícones mais destacados. Imagens em movimento mostram outras máquinas em movimento; os trens, por exemplo, assustaram, mas também encantaram massas de espectadores ainda em

---

\* Universidade de Sorocaba - UNISO, Mestrado em Comunicação e Cultura, Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas - NAMI, 18095-580, Sorocaba/São Paulo, Brasil.  
E-mails: paulo.silva@prof.uniso.br; miriam.silva@prof.uniso.br

formação. O novo meio de comunicação possibilitava o aprendizado, que estava em curso, de novas linguagens propostas em imagens; documentar foi uma delas.

O crítico de cinema Jean-Claude Bernardet afirma a importância do documentário, em lugar da ficção, para compreender a história da produção do cinema brasileiro (1995: 118). Assim, os primeiros anos do século XX foram férteis em buscas e alternativas para incluir o Brasil, ou alguns de seus Estados, na mundialidade das artes. Não apenas a produção, mas o fato de ter um cinema oferecia um algo mais na vida das populações urbanas, então, carentes de uma imagética e, ao mesmo tempo, atendidas pelas revistas e fotografias, quando era possível consumi-las.

No caso do documentário *Sociedade Anonyma Fabrica Votorantim*, dirigido por Armando Leal Pamplona para o estúdio Independência Film, entre os anos de 1919 – 1922, informações indicam que não foi o único no período. Conforme relembra José Medina, morador da vila de Votorantim (Sternheim, 1973: 20): “Minha vocação pelo cinema começou quando eu era projetorista num dos primitivos cinemas na pequena cidade de Votorantim... Em 1911, a fábrica Votorantim contratou um cinegrafista carioca para filmar a entrada e saída dos operários daquela fábrica”.

O típico cinema de cavação, no qual os envolvidos (cineastas, diretores, cinegrafistas) fazem o filme por encomenda para industriais, políticos, fazendeiros. Gomes afirma que esse cinema orbitava sob o “berço esplêndido e o ritual do poder” (2000: 177), oferecendo um registro midiático para aqueles que pudessem custear toda a produção envolvida ou que tivessem interesse no registro, circulação e divulgação das imagens, que parece ser o caso da Fábrica Votorantim.

Antes de adentrar ao documentário, entendemos ser importante citar a descrição e a sinopse disponibilizadas no site da Cinemateca. O filme é catalogado na Categoria de Longa-metragem, Silencioso e Não

ficção; no Gênero documentário, originalmente produzido em branco e preto, filme 35 mm, tendo a metragem de 2.784 m, o equivalente a 101min 03 s. A sinopse efetuada pela cinemateca apresenta nove partes na decupagem, conforme descritas abaixo:

1ª parte: O desenvolvimento da indústria deve-se ao “notável industrial” Sr. Antonio Pereira Inácio. A produção mensal da fábrica é superior a 2 milhões de metros de tecido; em 1922 atingiu 18.364.215m - Vista geral da fábrica, da estrada de ferro elétrica entre Sorocaba e Votorantim inaugurada em 4.2.1922. A eletrificação do trecho que vai a Votorantim, Itupararanga e Serraria onde estão localizadas as pedreiras calcárias, jazidas de mármore e os fornos de cal. Estação Paula Souza da E. F. na saída de Sorocaba; demonstração da eletrificação da estrada de Sorocaba e Votorantim. Em operação: carregamento de madeira partindo de Votorantim.

2ª parte: Ramal da estrada de ferro para a represa. Vistas da cachoeira, represa, do canal, dos tubos condutores de água para as turbinas; vista da usina elétrica (exterior e interior). Grupo de operários à espera do trem e embarque na parada Carrapatos. Entrada dos operários na fábrica e saída para almoço; chegada das cestas com refeições para almoço. Saída da primeira turma e regresso dos residentes em Sorocaba. Entrada da segunda turma. Vista geral da fábrica; três aspectos da seção de fiação: sala da mistura de algodão, abridores de fardos-transportadores, batedores.

3ª parte: Ainda a seção de fiação. São apresentadas as cardas e passadores. Sala de penteadeiras, passadores e massaroqueiras. Sala das remetadeiras, preparação para a tecelagem. Máquinas urdideiras. Caixas de preparação de goma para o fio. Seção de preparação da tecelagem: engomadeiras, fabricação de liços e pentes. Máquinas de fazer cordas. Vista de uma das salas de teares. O total de teares é de 1300 com duas turmas de operários trabalhando.

4ª parte: Seção de tecelagem: sala de medição e dobragem do pano; sala de pano cru com calandras d'água para lavagem do pano e autoclaves. Seção de alvejaria. Sala de secagem do pano branco com

as alargadeiras e torquiadeiras. Sala do almoxarifado: máquinas para lavar, engomar e secar os morins. Seção de morim: preparação das peças para exportação, máquinas para estampar detalhes e sala de vaporização.

5ª parte: Seção de flanelas: máquinas de flanelar. Seção de gravuras: moletagem dos desenhos e preparação dos rolos pelo sistema do pantógrafo; preparação dos rolos para estamperia; gravura dos rolos para estamperia. Seção de enfardamento e expedição. Exportação de tecidos. Vista da bateria de caldeiras e do depósito de combustível. Machado mecânico para abrir toros (made in Brasil). Oficina mecânica: tornos. Ferraria: forja e martelete hidráulico em funcionamento. Vista externa e interna da fundição: modelagem de peças. Britadores.

6ª parte: Serraria: toras e tábuas, serras circulares e plainas. Fábrica de tijolos e telhas para a construção da vila operária. Vista da máquina de fazer blocos. Panorama das casas dos bairros da vila e novas edificações. Um outro bairro da vila operária. As casas antigas da vila. Um sobrado de construção especial, em blocos, para habitação de operários.

7ª parte: Uma casa operária feita de blocos. A prática de esportes pelos operários: o campo de futebol e a quadra de tênis da vila. Vista de algumas residências dos mestres. Casa da gerência da S.A. Votorantim. O gerente e a família. Edifício do escritório da fábrica em Votorantim, vendo-se o presidente Sr. A. Pereira Inácio, o Sr. Com. João Reynaldo em companhia do Sr. Tarcísio Nascimento, gerente da fábrica, engenheiros, ajudantes e mestres. Culto religioso: a Igreja de S. João Batista, construída pela S.A. Votorantim e a Igreja Presbiteriana. Grupo escolar para os filhos dos operários; o corpo docente. Diversões: o elegante teatro da empresa. Vista do armazém e da farmácia. Consultório e sala de operações. Vista da padaria mecânica. Vista do açougue. Organização esportiva: a sede do Esporte Clube Savoia, dos operários da fábrica. Trecho do ramal férreo para as caieiras de Ituparanga onde se vê o preparo do leito para a próxima eletrificação.

8ª parte: Vista geral das caieiras de Itupararanga. Chegada do Sr. Pereira Inácio; o presidente da Votorantim Dr. Almeida. Vistas dos fornos de cal. Ramal férreo para as pedreiras, vendo-se a grande represa da Light. Vista das pedreiras, vendo-se os operários preparando uma mina e posterior explosão. Transporte das pedras calcárias para o forno. Fazenda São Francisco de propriedade da S.A. Votorantim. Panorama da fazenda; o pátio da colônia, vendo-se ao longe a residência do administrador; vista geral da mangueira e mares para o serviço da fazenda; boiadas e campeiros da fazenda; mangueira grande das vacas leiteiras; embarque de leite para o fornecimento à Vila Votorantim; criação de porcos; os chiqueiros modernos, cimentados, para criar leitões; lavoura de algodão; canavial.

9ª parte: Engenho de aguardente e açúcar; moinho de fubá. Fábrica de cimento Rodovalho da Votorantim; panorama da fábrica; aspectos dos fornos de cal e cimento; partida de um trem expresso da estação de Rodovalho para São Paulo; escritório da fábrica; residência do gerente da fábrica Rodovalho. A S.A. Votorantim não cuida somente do desenvolvimento da indústria brasileira, mas atua também na área imobiliária vendendo terrenos a prestações. São os seguintes os bairros fundados pela Votorantim: Brooklin Paulista, Vila Barcelona e Vila Califórnia em São Caetano; planta e vista geral do Brooklin Paulista, chegada do bonde ao Brooklin Paulista; diversos tipos de casas. Vista interna do grande escritório central de São Paulo; os empregados. Os diretores da S.A. Fábrica Votorantim Sr. Armando Pereira Inácio, Paulo Pereira Inácio, Zeferino Freitas Guimarães e Antonio de Oliveira Penteado.

Pela decupagem apresentada já é possível perceber o interesse da empresa em apresentar ao espectador a importância da fábrica para o lugar e seu papel na urbanização de um, então, bairro de Sorocaba, prática que será também apresentada com outros bairros criados na cidade de São Paulo (Brooklin Paulista, Vila Barcelona e Vila Califórnia em São Caetano). Os terrenos na capital paulista pertenciam ao patrimônio do

Banco União, antigo proprietário da Fábrica Votorantim. A direção da fábrica, alterando seus estatutos para estender seu campo de ação, pode transforma-los de passivo em ativo. As vendas atingiram uma somatória que possibilitou transformar os terrenos que restavam em garantia para os empréstimos de que a empresa necessitava para aprimorar seu parque industrial e a infraestrutura, entre elas a ferrovia elétrica que viria a ser implantada (Caldeira, 2007: 31).

Já no final do documentário, mostra-se a planta dos terrenos do Brooklin Paulista, localizado no então subúrbio de São Paulo, depois o bairro (panorama e vista geral) e se anuncia a venda de terrenos (a prestações), de modo que o documentário institucional abre espaço também para a prática da publicidade. Como marca de modernidade, destaca-se o bonde, que é anunciado por um texto que fala da sua chegada ao “ameno e salubérrimo” bairro. Além disto, a Socyiedade Anonyma Fábrica Votorantim “facilitou todos os recursos” para as construções.

A linguagem visual, cinematográfica, é composta especialmente por planos gerais e planos de conjunto, que servirão a um propósito descritivo: mostrar, com grandiloquência, as realizações materiais da fábrica, a sua modernidade, seus equipamentos, sua arquitetura imponente, alocada em meio à natureza, quase como um milagre, pois se trata de uma geografia composta por morros íngremes, mata e cachoeiras. Entende-se um desbravar o natural, transformando-se a paisagem com a presença da fábrica e tudo o que ela representa: o trabalho e a formação do bairro, em um processo civilizatório. Ainda que institucional, pois que realizado com a finalidade de registrar a construção de um patrimônio privado, comporta entrelinhas que permitem perceber, em meio ao discurso oficial, o dos proprietários da fábrica, aspectos históricos e sociais que revelam também um pouco sobre os operários. Muitos destes aspectos só são perceptíveis graças ao distanciamento temporal.

A fotografia valoriza a perspectiva, a profundidade dos planos, levando o olhar sempre para um ponto mais adiante, que parece ter continuidade em um infinito que a imagem não conseguiu contemplar. Há espaço para a expressão estética, quando um texto anuncia que no processo de alvejaria ocorre a formação de uma “curiosa teia de aranha”, sobre a qual a câmera se detém, bem como quando classifica a chegada das cestas de almoço dos operários como um “espetáculo”, e o enquadramento expõe volumes e texturas nas cestas que se amontoam.

O discurso visual reafirma o poder por meio da descrição da arquitetura, das proporções agigantadas, do volume, da textura, do conjunto de elementos: pilhas de algodão, muitos teares, muitas braçadeiras, esteiras e conjuntos de engrenagens que não cessam de se movimentar velozmente, explorados com obsessiva redundância.

O documentário se abre com um longo plano geral da fábrica, seguido por um plano de conjunto dos galpões e um plano-sequência da estrada de ferro que ligava Sorocaba a Votorantim. Há uma valorização estética dos trilhos, que permanecem em cena por muito tempo, com um curioso destaque anunciando “a bela recta de Barcelona”, bairro, neste caso, pertencente a Sorocaba. Nessa descrição, que conjuga elementos de uma natureza que estaria intacta, não fosse pela intervenção do homem, com a fábrica e tudo o que ela traz, inclusive o bairro, os homens se transformam em meros figurantes, trabalhadores anônimos que atuam como grafemas, pontos isolados ou uma massa de elementos sem identidade e que ficam ainda mais diminuídos na fotografia das “vistas”, externas e internas: Vista da Fábrica; Vista dos Trilhos da Estrada de Ferro; Vista da Cachoeira; Vista do Bairro; Vista da Usina Elétrica; Vista da Sala de Teares. São vistas exibidas para que se veja o poder da fábrica, ou melhor, dos seus proprietários. Não se trata de planos narrativos, pois embora se perceba a ação dos personagens, estas têm a função de dar relevo ao

fazer fabril, não às pessoas. Os enquadramentos são mais longos diante de arquiteturas, máquinas e seus detalhes do que quando estão em pessoas. Ressalta-se o caráter moderno de um automatismo em que o ser humano, acessório, é só mais uma engrenagem. Porém, embora figurantes, sendo a fábrica a protagonista, quando filmados em primeiro plano os operários demonstram a consciência da presença de câmera e os mais ousados, em geral homens – dificilmente as mulheres, e, particularmente as crianças, que contracenam com ela e como que em traquinagem, deixam o trabalho, voltam a ser crianças e chamam a atenção para si, quebrando a rotina a que são submetidas.

O trabalho infantil chama a atenção, como já destacou Ismael Xavier (2009: 16), quando analisou o mesmo filme, mas faz-se necessário ainda acrescentar as impressões de quem viveu o processo *in loco*.

O trabalho infantil era visto como pedagógico e educativo e evitava que a criança se “desviasse do bom caminho”... Assim descreve Jorge Street a saída dos seus pequenos operários depois de uma jornada diária de 11 horas: “É uma verdadeira revoada alegre e gritante que sai à frente dos maiores, correndo e brincando” (Silva, 1995: 83).

Contudo, Penteado (1965: 62), em suas lembranças sobre a fábrica têxtil, tem uma visão diferente daquela do empresário: “Após algumas horas de fábrica, eu ficava inquieto e começava a perambular pelas várias secções... e, de cinco em cinco minutos, consultava o relógio, numa ânsia de ver-me livre daquela prisão a que fora condenado pela minha mãe e por minha avó”.

Ainda no tema das crianças, as filmagens destacaram a creche, a escola, aparelhos urbanos construídos pela fábrica. Destacam a saída do “grupo escolar”, como era chamado na época. Impossível não despertar para tantos pés descalços brincando frente à câmera, assim como o pequeno número de meninos e meninas calçados, trajados como “se fossem para

a missa”, como diziam no interior, fazendo alusão ao fato de a melhor roupa ser para o domingo e, certamente, o único calçado também. Jacir da Silva, operário por mais de 35 anos, em entrevista aos autores (2013) conta que “alguns iam com apenas um pé do calçado e o outro enfaixado para representar um machucado, mas na verdade era para economizar o outro pé; dificilmente andavam de sapato, quanto mais com os dois”.

Como a proposta do filme institucional era apresentar e “vender” as maravilhas criadas pela Fábrica, os centros esportivos aparecem como forma de lazer para os operários e suas famílias. O empregado era um associado do clube que pagava para utilizar suas instalações. O desconto vinha direto no contracheque, e muitos operários pertenciam aos times de várias modalidades organizados no clube. Incluem-se os piqueniques, ora realizados pela empresa, comemorando datas alusivas ao patrão ou à sua família, ora pelos próprios funcionários.

O filme em questão foi encomendado pelo Sr. Antonio Pereira Ignácio, proprietário da Fábrica Votorantim, que a arrematou depois da greve geral de 1917, quando o Banco União, proprietário da fazenda e da Fábrica Votorantim, abriu falência. A historiografia Sorocabana informa que a falência da Fábrica Votorantim deveu-se à greve dos funcionários. Contudo, em um levantamento mais apurado, Godoy (1875: 133) afirma que a “fábrica Votorantim, apesar de ser efetivamente uma das maiores da América do Sul, era, em 1913 - dois decênios depois de sua fundação - uma promessa”, e elenca várias razões para a falência, como falta de capital de giro, política cambial (o ensilhamento) e a incapacidade administrativa dos acionistas, entre eles estavam Antonio Pereira Ignácio e sua mulher, Francisco Scarpa e sua mulher.

O Jornal Cruzeiro do Sul de 17/07/1917 informa na primeira página: “A greve nesta cidade. Cerca de 10.000 operários em parede”. Apresentava a situação de todas as fábricas e para a Votorantim informava

que: “A Fabrica Votorantim estava em greve há quase um mez. Há poucos dias, porem, foi arrendada a dois capitalistas que resolveram fazê-la funcionar hontem. Assim iniciou-se o trabalho na parte a que chamam ‘fabrica velha’. Mas sendo reclamada a adesão dos seus operarios, a fabrica paraly sou-se”.

Os dois capitalistas que adquiriram a fábrica foram Antonio Pereira Ignácio e Nicolau Scarpa. Para poderem efetivar a compra, “venderam” suas ações do Banco União para as devidas esposas, tudo lavrado em cartório e, posteriormente, compraram a fábrica do conjunto de acionistas do Banco.

O documentário, iniciado em 1919, fecha o período, exatamente no momento em que, no dia 04 de fevereiro de 1922, na presença de Washington Luiz, presidente do estado, a ferrovia elétrica da Fábrica Votorantim era inaugurada (Caldeira, 2007: 31).

Contudo, a Fábrica Votorantim ainda iria encomendar mais um documentário. Trata-se do registro da inauguração do estádio de futebol do Savóia, em 28 de setembro de 1924. O estádio foi construído a pedido do diretor Paulo Pereira Ignácio, filho do presidente da fábrica.

Trata-se de um fragmento de 1m 56 s iniciado com imagens do churrasco de inauguração do estádio em que as pessoas se apresentam descontraídas e vestidas com seus trajes sociais, com homens engravatados e mulheres com seus vestidos de festa, apesar do chão de terra e da poeira que levanta quando os casais dançam entre o arvoredado do entorno.

As imagens ainda mostram uma equipe feminina, que talvez seja da filha do presidente Antonio Pereira Ignácio, Helena, que estudou no colégio Stafford, na cidade de São Paulo, e que, na época, era o único que oferecia prática esportiva feminina. Na sequência a fita do estádio é cortada e os times do Savóia de Votorantim e do Paulistano (clube que deu origem ao São Paulo Futebol Clube) entram em campo para uma

partida que terminou em empate com quatro gols. Nesse momento corta-se para as imagens de Dom Aguirre, bispo metropolitano de Sorocaba, que abençoa o estádio e, em seguida, abraça Antonio Pereira Ignácio.

A última imagem do filme mostra um jogador do Savóia, talvez o próprio Paulo Pereira Ignácio, que chuta a bola para frente, e o filme acaba com a bola alçada para o alto.

Como dissemos, é um registro que parece feito pelo próprio Armando Pamplona, conforme pudemos conferir na programação do curso **História do Documentário Brasileiro, promovido em 2006 pelo Cineclube Tela Brasilis**,<sup>1</sup> e que o intitula de “A inauguração do Stadium do Savóia (Armando Pamplona, 1916/1924)”. Talvez o período se refira a trabalhos distintos realizados pelo diretor, que, com sua função de cinegrafista, auxiliou: na perpetuação da memória institucional da Fábrica Votorantim; no registro histórico da formação do município de Votorantim e, conseqüentemente, do Estado de São Paulo e do Brasil; na compreensão de um contexto sócio cultural e histórico, carregado de ideologias e de vozes de poder, mas também de entrelinhas que possibilitam a reflexão e a crítica; na elaboração de uma estética do cinema brasileiro, com a experimentação na produção cinematográfica, ainda que realizada sob encomenda.

Como obra cinematográfica documental, a inauguração do estádio do Savóia permite a leitura de um momento contraditório, denominado moderno, em que a fábrica desbrava a natureza e sobrepuja o homem, domesticando-o para o trabalho. Mas é também a fábrica que oferece os recursos de mobilidade, a formação, com a instalação da escola, a ritualização e a religiosidade do cotidiano. É a fábrica que possibilitará

---

1) Curso e Mostra HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO, de 14 de outubro a 9 de dezembro de 2006.

Disponível em <http://telabrasilis.blogspot.com.br/>. Consultado em 01/11/2013.

o reconhecimento de algo em comum: as obrigações e o lazer. Chama atenção a espontaneidade do churrasco de inauguração. Em uma série de planos de conjunto e planos médios, em que o moderno, nas roupas, na organização dos times, nos uniformes e no estádio, dialoga com o primitivo, nas ruas de terra, nas árvores sob as quais os casais dançam com a poeira, nos morros e nos enormes espetos de carne com os quais a comunidade desfila em festa. E, na última cena, o chute na bola desenha iconicamente uma trajetória que revela o intento da modernidade: para cima e para frente, além, na direção do horizonte. Uma utopia que, embora desgastada e desmentida em sua linearidade impossível, pode explicar boa parte dos acertos e desacertos de nosso processo civilizatório.

### **Referências bibliográficas**

- BERNARDET, Jean-Claude (1995), *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*, Coleção E. São Paulo: Annablume.
- CALDEIRA, Jorge (2007), *Votorantim 90 anos – Uma história de superação*, São Paulo: Mameluco.
- Curso e Mostra *HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO*, de 14 de outubro a 9 de dezembro de 2006. Disponível em <http://telabrasilis.blogspot.com.br/>. Consultado em 01/11/2013.
- Entrevista com Jacir da Silva, 20/10/2013. Sorocaba.
- GODOY, Antonio Carlos de (1975), *Votorantim - Estudo sobre a formação da empresa industrial no Brasil*, Dissertação de mestrado. USP: DCS.
- GOMES, Paulo Emilio Sales (1996), *Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- JORNAL CRUZEIRO DO SUL (1917), “A greve nesta cidade”,  
17/07/1917. Disponível em: <http://paginasmemoria.cruzeirosul.inf.br:8081/paginas/1917/07/17/19170717003347pri00100cruz.jpg>. Consultado em 29/10/2013.
- PENTEADO, Jacob (1965), *Belenzinho 1910 (Retrato de uma época)*, São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (2000), *Enciclopédia do cinema brasileiro*, São Paulo: Senac.
- SILVA, Paulo Celso da silva (2000), *De novelo de Linha à Manchester Paulista. Fábrica Têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba*, Sorocaba: TEASER Design.
- SINOPSE: *A sociedade anonyma fabrica Votorantim*. Disponível em <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=002429&format=detailed.pft> . Acesso em 29/10/2013.
- STERNHEIM, Alfredo (1973), *O jovem José Medina*, Filme Cultura, Rio de Janeiro, v. VII, n. 23, jan. fev.
- XAVIER, Ismael (2009), “Progresso, disciplina fabril e descontração operária: retóricas do documentário brasileiro silencioso” in *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, n. 18, jan.-jun., pp. 9-24.